

**ENGENHOS DE DENTRO: O HOSPITAL PSIQUIÁTRICO PEDRO II
DIANTE DA GENEALOGIA FOUCAULTIANA**

[ENGENHOS DE DENTRO: PEDRO II PSYCHIATRIC HOSPITAL TOWARDS
FOUCAULTIAN GENEALOGY]

Helcio Herbert Neto

helcio.neto00@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4168-0749>

Doutor em História Comparada (UFRJ) e mestre em Comunicação (UFF), é formado em Filosofia (UERJ) e Jornalismo (UFRJ). Autor dos livros "Palavras em Jogo" (Dialética, 2024) e "Conte comigo" (Ludopédio, 2022), desenvolve pesquisas sobre cultura popular em âmbito de pós-doutorado no Departamento de Estudos Culturais e Mídia (LACS-UFF) desde que foi selecionado pelo edital de Apoio à Fixação de Jovens Doutores no Brasil (Faperj/CNPq).

DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6275](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6275)

Recebido em: 13 de junho de 2024. Aprovado em: 12 de março de 2025

Caicó, ano 17, n. 1, 2024, p. 155-166
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6275](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6275)
Dossiê Filosofia e Literatura



Resumo: O Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, desperta interesses de pesquisas acadêmicas em diferentes áreas do conhecimento. Para a Filosofia, os registros em torno da unidade podem abrir novos horizontes de estudo. O propósito deste artigo é mapear as potencialidades e estipular um conjunto conceitual capaz de dar vazão a esses propósitos. A paisagem foucaultiana e, por conseguinte, a genealogia do autor francês surgem como uma alternativa nesse sentido. Com foco voltado para as multiplicidades experimentadas durante o século XX, o trabalho explora entrecruzamentos filosóficos com a Literatura – em especial, com as suas expressões mais populares.

Palavras-chave: Hospital Psiquiátrico Pedro II. Engenho de Dentro. Genealogia. Filosofia.

Abstract: The Pedro II Psychiatric Hospital, in Engenho de Dentro, arouses interest in academic research in different fields of knowledge. Throughout Philosophy, the footprints about the clinic can open new horizons of study. This article aims to map the potentialities and stipulate a conceptual set capable of realizing these purposes. The Foucaultian landscape and, consequently, the author's genealogy appear as an alternative in this sense. With a focus on the multiplicities experienced during the 20th century, the work explores philosophical intersections with Literature – in particular, with its most popular expressions.

Keywords: Hospital Psiquiátrico Pedro II. Engenho de Dentro. Genealogy. Philosophy.

*“Fui internado ontem / Na cabine 103 / Do hospital do
Engenho de Dentro / Só comigo tinham dez” (SAMPAIO,
1976)¹*

Os registros a respeito do Hospital Psiquiátrico Pedro II, localizado no Engenho de Dentro, na zona norte do Rio de Janeiro, são abundantes e variados: de escritos acadêmicos a diários pessoais, de anotações médicas a versos na canção popular – a exemplo de “Que loucura” de Sérgio Sampaio. O músico é um dos autores que estiveram nas dependências da unidade, seja na condição de interno, seja na de funcionário. O peso dos relatos depõe a favor do redimensionamento do espaço enquanto polo para o pensamento brasileiro, em inversão contra uma perspectiva puramente depreciativa, negativa ou reativa. Os vestígios acerca das experiências incentivam esforços principalmente com foco na segunda metade do século XX.

O propósito deste estudo é abrir outros horizontes para as pesquisas sobre a unidade, que ficou conhecida pelo nome do bairro no qual se situava. Para que não incorra em leituras apressadas ou na reiteração de visões estereotipadas, é imprescindível eleger uma proposta para trabalhar com os registros apta a explorar os entrecruzamentos de diferentes campos das Humanidades, em especial da Literatura com a Filosofia. Do ponto de vista literário, para dar conta das experiências no Engenho de Dentro é primordial superar a caracterização meramente livresca, com o intuito de detectar práticas transversais, que digam respeito à fabulação e não se limitem a tendências eruditas (CANDIDO, 2023).

Devido à aderência que as proposições que partiram desse epicentro assumiram, qualquer limitação com essas feições impediria a compreensão sobre as relações populares que foram travadas antes da virada para o novo milênio. Quanto à Filosofia, as opções levadas a cabo por Foucault para a reavaliar as tensões em torno da desrazão, com privilégio para a Idade Clássica, são decisivas (1978). No entanto, tudo que paira em torno da unidade psiquiátrica brasileira é rico em especificidades – o que torna vital uma aproximação cuidadosa com as diversas nuances. A preocupação com continuidades e, principalmente, rupturas sinaliza para olhares filosóficos que dialoguem com a História. É inegável a sua inclinação para as nuances históricas, assinaladas em diversas passagens (FOUCAULT, 1978, 1992, 1999, 2008, 2013a, 2013b).

Perante esses desafios, a opção será em favor da genealogia: comentadores e o próprio autor identificam nessa amálgama a característica forte do olhar foucaultiano para a História (VEYNE, 2014; FOUCAULT, 1992; 2013a). Muitas das elaborações dessa aproximação pertencem a períodos posteriores à publicação sobre a história da loucura e um trabalho com as presentes preocupações requer demarcações sobre o desenvolvimento da obra do filósofo, rica em descontinuidades (ERIBON, 1990; VEYNE, 2011). É necessário, sem dúvidas, respeitar as fases distintas dos autores. Entretanto, este artigo se atribui a função de carta de intenções para futuras iniciativas e, enquanto tal, precisa se ater aos indícios com os quais vai trabalhar depois dessa breve exposição conceitual.

Por conta desses apontamentos, a seguir haverá três seções que compartilham uma semelhança: a adoção dessas elaborações filosóficas como ponto de partida. A primeira se inicia por meio da exposição de vestígios da experiência do Hospital do Engenho de Dentro de autoria

¹ Canção “Que loucura”, interpretada por músico Sérgio Sampaio, fazer referência à cabine de internação do próprio músico. Disponível em: <https://youtu.be/daHR_2Spqc0?si=zH41lMFmaWYCCBCQ>. Acesso em 13 de junho de 2024.

de funcionários da unidade. Portanto, do conjunto integrado por médicos, psicanalistas e demais servidores. A segunda se propõe a considerar escritos de internos que, em virtude das hierarquias em vigor, diferem tanto dos funcionários em geral quanto dos relatos propriamente clínicos. Então, serão levantadas as considerações finais e as oportunidades que contém o projeto em geral.

DE FORA: HISTÓRIA, FILOSOFIA E O QUADRO DE SERVIDORES NO ENGENHO DE DENTRO

A iniciativa tem como foco a Filosofia, o que é destacado pelas referências e pelos propósitos apresentados. Seria inviável, contudo, realizar um estudo sem revisitar o que já foi produzido sobre a unidade para saúde mental. Em especial, o que já foi publicado no campo da História. Acenos para outras ações nas Ciências Humanas devem ser constantes, sem que o direcionamento filosófico se perca: até porque o viés histórico, que motiva o enquadramento na genealogia, estimula isso. Sobretudo, seria uma negligência descartar os apontamentos historiográficos. O panorama induz a esboços mais abrangentes sobre o Engenho de Dentro e, então, necessita dos trabalhos anteriores.

Do balanço mais global da bibliografia se destaca o horizonte institucional esquematizado por Ribeiro (2016b). A autora também se vale das diferenças entre dentro e fora para enxergar as dinâmicas do Hospital Psiquiátrico Pedro II (Ibidem), embora parta de cronologia, objetivos e abordagens distantes do presente artigo. O caso é ilustrativo: a aproximação com a História auxilia na tarefa de traçar linhas gerais sobre a experiência com a loucura, mas principalmente afasta quaisquer naturalizações a respeito de processos sociais, culturais e da circulação das ideias. Para além de fundamentar a contextualização, a utilização de perspectivas históricas caminha na direção da demarcação das ranhuras na trajetória da unidade, da relação entre o quadro de servidores e os internos ou nas visões estáticas acerca da desrazão.

O histórico remete a outra localização, quando no primeiro período em atividade o espaço para receber os pacientes ficava na região da Praia Vermelha, zona sul da cidade, área que hoje sedia um campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DIAS; RIBEIRO; MACIEL; MATIAS, 2019). A despeito de já carregar a referência ao segundo imperador do Brasil, a instituição criada em 1852 era conhecida como manicômio ou hospício (RIBEIRO, 2016a) – apenas em 1944 houve a saída das antigas dependências, que culminou na instalação no bairro da zona norte, colaborou para atribuir a vinculação ao Engenho de Dentro e, por fim, para conferir o nome mais popular que a unidade veio a receber no século XX.

Ainda nas instalações iniciais, os limites entre arte, mais especificamente literatura, e filosofia foram tensionados por relatos de quem conviveu no espaço (RIBEIRO, 2016a). Os registros já apresentam características que, com a transferência, ficarão evidentes: um representante desses atravessamentos na virada para o século XX é o escritor Lima Barreto, que força as fronteiras políticas, éticas e estéticas por meio de seus escritos (SCHWARCZ, 2017). A experiência do autor, contudo, é anterior ao recorte a ser enfatizado pela pesquisa. O período observado, a partir da mudança, não foi o eleito somente por conta das novas dependências de que a unidade fez uso.

A década de 1940 é o período em que a radiodifusão se consolida no Brasil, em virtude da popularização das estações de rádio e das políticas públicas em torno das transmissões em larga escala (SAROLDI, MOREIRA, 1984; CAPELATO, 2008). A sedimentação desse alcance

abrangente para os veículos de comunicação é definitiva para as relações sociais no país, que se transformavam perante processos vertiginosos de urbanização e industrialização. As novas interações estabelecidas por meio dessas tecnologias ajudam a sustentar a hipótese de que o Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro se configurou como um polo para o pensamento filosófico brasileiro, ainda que instável, errático e distante das feições mais eruditas. Assim, no seio da cultura popular (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Os autores, sobre os quais rondam conceitos formulados com filiações nítidas ou matizadas às experiências na unidade, serão apresentados a seguir – a exposição restringe-se ao caráter introdutório. Apesar da diversidade desse conjunto, uma tendência é mantida. Todos os mencionados a seguir conservaram ligações com a comunicação em larga escala, propiciada pelas técnicas radiodifusivas. É um traço que define o afastamento na comparação com Barreto, cujos trabalhos são anteriores à popularização do rádio. Se os vínculos ao redor das conceituações com autoria de pessoas ligadas ao Hospital do Engenho de Dentro devem ser examinados com rigor, é inegável que a intensa circulação, proporcionada pelas ondas eletromagnéticas, serve de base para imaginá-lo como um epicentro nesse sentido.

O caso mais contundente a respeito das imbricações com a filosofia parece ser, a princípio, o mais distanciado da radiodifusão: Nise da Silveira. A médica, que se consolidou como uma das mais reconhecidas na área da saúde mental no país, sustentou forte diálogo com outros campos das Ciências Humanas em seus livros, e os trabalhos sobre Spinoza constituem um exemplo disso (SILVEIRA, 1995). Os estudos acerca das artes, da psiquiatria, da psicanálise e do núcleo que foi criado para o trabalho com pacientes em atividades menos ortodoxas também apontam para atravessamentos com a Filosofia (2015; 2024). Comentadores de sua trajetória intelectual e profissional igualmente sinalizam para a mesma tendência (HORTA, 2008; GULLAR, 1996).

Em paralelo às ações desenvolvidas na unidade, Silveira compôs um grupo de trabalho com outros intelectuais da segunda metade do século XX para avaliação do que era lançado em termos de canção popular na gravadora Philips (BARCINSKI, 2023). Reuniam-se, sob esse colegiado, ainda nomes da imprensa e produtores da indústria fonográfica para colher depoimentos de artistas com o propósito de compreender os processos que levavam faixas e discos a venderem mais (Ibidem). A presença na equipe indica as conexões entre Engenho de Dentro e música de apelo radiofônico, que terá exemplares no quadro de funcionários e nos pacientes registrados por prontuários.

Entre os servidores, é permitido mencionar Yvonne Lara – que, ainda com a grafia antiga do próprio nome, foi enfermeira e assistente social do mesmo hospital psiquiátrico (LEITE JÚNIOR; FARIAS; MARTINS, 2021). Do ponto de vista das dinâmicas da instituição, a funcionária que ficaria conhecida como Dona Ivone Lara ao assumir a carreira de sambista oferece viés distinto quando comparado ao de Silveira. Ainda que componham o corpo clínico na relação com os internos, até na terapia ocupacional, essas funções se colocam em patamares diferentes de prestígio e até hierarquia (SCHEFFER, 2016). Os registros de autoria cantora, compositora e instrumentista trazem à tona mais atritos.

Dona Ivone Lara se lançou profissionalmente na música somente após marcos biográficos determinantes, a exemplo da morte do marido, do acidente do filho e do progressivo afastamento das atividades no Engenho de Dentro (BURNS, 2008; SANTOS, 2009; NÓBILE, 2020). Recentes estudos escapam dessa cronologia para enfrentar as implicações da poética da compositora para outras frentes das Ciências Humanas (FILGUEIRA, 2020; OLIVEIRA; SILVA, 2024). Índícios nas canções de sua autoria impulsionam esforços como esses. É sinal marcante das sobreposições com a saúde mental a reiterada presença de imagens oníricas, tão caras à psicanálise (FREUD,

2019). Isso se constitui de tal modo por conta da noção de inconsciente, cujas conceituações promoveram desdobramentos significativos.

DE DENTRO: LINGUAGEM, LOUCURA E DIÁRIOS EM PRIMEIRA PESSOA

Das elaborações acerca do inconsciente, é possível mencionar tanto as consequências para Silveira (HORTA, 2008; GULLAR, 1996), quanto para a filosofia contemporânea francesa (CUSSET, 2008; DOSSE, 2010). E esses são apenas dois exemplos. Sob coordenação da psiquiatra, Lara atuou com os internos no Ateliê do Engenho de Dentro, espaço de terapia ocupacional que incentivou a criação entre artistas plásticos (HORTA, 2008; GULLAR, 1996). As obras realizadas nas dependências do hospital psiquiátrico chegaram a galerias reconhecidas nacional e internacionalmente, com desdobramentos para a arte concreta no século XX (VILLAS-BÓAS, 2008), além de colocar em evidência nomes como Arthur Bispo do Rosário (GALEANO, 2015).

Apesar do interesse que medidas no interior da unidade despertam, sua abrangência se afasta daquela adquirida pelos relatos vivificados pela radiodifusão – com destaque para os que demonstram particular sofisticação nas operações com a linguagem. Os casos de Silveira e Lara assinalam sofisticados tratamentos à palavra. De qualquer maneira, os artistas que passaram pelo ateliê reiteram a relevância de se concentrar na diversidade no interior do hospital, na contramão de um discurso médico homogeneizante da loucura (DIAS, 2003). É com a disposição para entrever a pluralidade que um estudo acerca de relatos de internos precisa se desenvolver.

Os registros formulados a partir da equipe clínica podem colaborar para reforçar as estratégias de controle da loucura. Mesmo que não seja possível encará-los como bloco monolítico, os discursos que integram a instituição são carregados de valores e é necessário nuançar suas proposições com o intuito de forçar as dinâmicas ao redor do Hospital do Engenho de Dentro para que a linguagem dos internos venha à tona. Se a música popular, veiculada pelos meios de comunicação, lega aos pesquisadores resquícios em torno de Silveira e Lara, também deixa vestígios sobre a percepção de pacientes acerca da rotina. Os relatos em primeira pessoa se destacam no conjunto geral.

“Que loucura”, canção composta por Sergio Sampaio e mencionada em epígrafe, congrega dois aspectos significativos: de um lado, a reiterada presença na música popular – uma vez que o cantor foi autor de faixas de destaque principalmente nos anos 1970; de outro, o aspecto confessional de depoimento, com impressões do cotidiano redigidas à revelia das estratégias para domínio. Contribuem para constituir esse prisma diverso os diários e outros fragmentos, que merecem ser examinados para fugir dessa tendência de conter a loucura e as suas enunciações. A passagem do músico adquire fisionomia interessante por não se demonstrar isolada.

Além de reiteradamente aludido em composições, o tempo que passou no Engenho de Dentro é um traço basilar dos registros memorialísticos a respeito de Sampaio e de sua biografia (MOREIRA, 2017). Os conflitos com gravadoras adicionaram o cantor capixaba a um grupo de artistas considerados malditos ou marginais – e que, em virtude dos conflitos ante a opressão política e os padrões estéticos se constituíram como atores decisivos para o pensamento brasileiro na década de 1970 (DUNN, 2008; FAVARETTO, 2021; BARCINSKI, 2023). As internações, a migração de outras regiões do país para o Rio de Janeiro e a ruidosa inserção na indústria fonográfica não são traços inéditos nos atravessamentos com a canção popular.

O compositor Torquato Neto foi igualmente internado no Engenho de Dentro e teve seus escritos remanescentes reunidos em obra póstuma (TORQUATO NETO, 1984; TORQUATO NETO, 2004) – uma vez que muito de seu trabalho foi incinerado pelo próprio autor antes da própria morte. Dentre os registros contidos nessas coletâneas estão frações de diários e anotações que fazem referências aos dias no hospital psiquiátrico. Trata-se de um denso compêndio de experiências, que carece de estudos até para que fiquem evidentes aproximações e distanciamentos com outras impressões, como as de Sampaio. A memória construída a partir do artista testa novamente as definições de loucura (PIRES, 2004; VAZ, 2013).

O artista se engajou nos movimentos estudantis que buscavam aumentar a participação das artes nas transformações políticas (RIDENTI, 2014), mas o rompimento tradições estéticas, políticas e éticas dos movimentos contestatórios que antecederam os anos 1970 teve em Neto um de seus principais representantes (CALADO, 1997). Esse coletivo de artistas que se propôs a essa ruptura, ainda nos anos 1960, foi avaliado e reavaliado desde então, através de análise distintas, por seus desdobramentos inclusive para a vida pública (VELOSO, 1997; DUNN, 2008; GIL; ZAPPA, 2013; FAVARETTO, 2021). Então, a ligação do movimento e, por conseguinte, de Neto com o pensamento filosófico do Brasil fica mais bem delineada. Como consequência, a conexão fortalece o ponto de partida que reconhece no Engenho de Dentro um polo para a Filosofia.

Trabalhar com uma noção mais ampla de Literatura impulsiona o entendimento de nuances tão instáveis, abrangentes e dinâmicas quanto aquelas vinculadas à cultura popular. As diferentes associações de Nise da Silveira, Dona Ivone Lara, Sérgio Sampaio e Torquato Neto com a radiodifusão tornam inescapável adotar uma atitude preocupada com as tendências de larga penetração social – até porque a ampla circulação de suas impressões sobre o hospital fez com que estivessem suscetíveis a interpretações, adaptações e subversões por parte do público. Caso haja mais registros sobre as experiências no local não será necessário se prender aos quatro autores, diante da possibilidade de expandir os estudos: acima dos demais aspectos, as intenções se concentram na busca por essas pluralidades.

ENGENHOSIDADES: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema da linguagem acena para outro autor: Nietzsche. Além disso, a inclinação genealógica foucaultiana pode ser entendida como permanência do filósofo (2010). Ainda com relação ao procedimento de Foucault, o caráter trágico desempenha função significativa na busca por rompimentos e continuidades ao longo da historicização da desrazão (FOUCAULT, 1978) – exemplo que deve ser encarado como outra notável influência (MACHADO, 1999; 2006; LEMOS, 2016a). As rachaduras da obra do escritor alemão exigem igualmente detalhamento, como as considerações presente em *Ecce Homo* deixam nítido (NIETZSCHE, 1995). Há, é certo, profunda bibliografia que se atém às fases distintas registradas por seus escritos (KLOSSOWSKI, 1991; LEBRUN, 2006; CAVALCANTI, 2005; SAFRANSKI, 2019; HOLLINGDALE, 2015; LEMOS, 2016b).

A descrição das características do pensamento do Nietzsche serve para próximas pesquisas sobre o Engenho de Dentro: inicialmente, por conta das declarações de Foucault sobre as consequências das proposições nietzscheanas para o pensamento europeu às vésperas do século XX (2013b); adiante, pela força de suas próprias ponderações no sentido de uma crítica das tradições e a respeito da loucura (NIETZSCHE, 1995). As proposições foucaultianas acerca dos livros, especialmente da fase madura, do autor alemão colaboram para dar amplitude às

experiências na unidade e para escapar de vieses eixos ou limitados no contato com os registros anteriores à virada para o novo milênio.

Não é possível iniciar um plano de pesquisa para o Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro sem a percepção da urgência de dar conta de sua pluralidade: o olhar genealógico tem que se ater à diversidade de registros – de anotações a biografias quase laudatórias, de experimentos ousados com a linguagem a textos mais concisos ou comedidos. Trata-se de uma engenhosidade múltipla, complexa, difusa, arredia a sistematizações e no limite incapturável aquela que configura a loucura relatada a partir de suas dependências. A heterogeneidade não deve constar somente nos documentos consultados. É indispensável que a relação e o tratamento com esses vestígios das ações na unidade ao longo do século XX também partam dessa mobilidade e se esquivem de padrões normativos estáticos para a desrazão.

É inescapável, devido à abrangência que essas elaborações para a desrazão alcançaram a partir do Engenho de Dentro no período, demonstrar interesse pelas tradições de grande apelo no Brasil. As possibilidades que residem na inclinação por uma filosofia popular brasileira têm sido exploradas com mais intensidade na última década (CAVALCANTI, 2016; HADDOCK-LOBO; SIMAS; RUFINO, 2020). A função desempenhada pela radiodifusão, que ao mesmo tempo impulsiona e complexifica as composições, exige cautela. Gestos para compreender as nuances do hospital psiquiátrico se acrescentam a outros que, de modo menos organizado, mostraram propensão semelhante para notar o século XX no Brasil (HERBERT NETO, 2019; 2021b; 2021c).

Comentadores sublinham o empenho do jovem Nietzsche para compreender a cultura popular, com disposição especial para a identidade germânica (CAVALCANTI, 2005; LEMOS, 2016). É interessante ponderar que essa fase do pensamento nietzscheano é reconsiderada pelo próprio autor, capaz de críticas às considerações da juventude (NIETZSCHE, 1995; 1999). Publicações de corte biográfico sobre o filósofo alemão dedicam passagens aos tratamentos oferecidos por unidades psiquiátricas e por seus funcionários (SAFRANSKI, 2019; HOLLINGDALE, 2015; LEMOS, 2019), em outra dimensão que o aproxima de Foucault (ERIBON, 1990; VEYNE, 2011). A História, portanto, nem de longe é um tema exótico para Nietzsche (2010) ou Foucault (2008).

Essa engenhosidade, que coloca em evidência a unidade psiquiátrica para o pensamento filosófico brasileiro, consta simultaneamente nas estratégias para dominação e para subversão. As práticas curativas ou terapêuticas precisam igualmente ser colocadas em xeque nos estudos, sob o risco de naturalização de hierarquias, atitudes para controle, silenciamentos e violências. Com olhares voltados para outros contextos, Lemos (2022b) remonta às discussões sobre as fronteiras entre as Ciências e a Filosofia para examinar como pensadores impeliram as bordas da linguagem e do conhecimento – em tendência sobre a qual, de certa forma, Foucault se amparou para estudos sobre saber, poder e discurso no último século do milênio (LEMOS, 2022a).

São muitos os indicativos da familiaridade das propostas foucaultianas com as discussões a respeito da saúde mental no Brasil, assinalados até em registros memorialísticos (MACHADO, 2017). Os indícios remetem ao período da atividade da unidade carioca. Da mesma maneira, interpretações, assimilações e corruptelas do pensamento nietzscheano são constantes alvos de interesse dos estudos no Brasil – com ênfase para o campo da História Intelectual ou das Ideias (MARANHÃO, 2006; BARROSO, 2013; DIAS, 2019). Portanto, o mote dos estudos a serem desencadeados não configura uma associação grosseira entre pontas desconexas, conforme o mapeamento da bibliografia e o conjunto conceitual apontam.

REFERÊNCIAS

- BARCINSKI, André. **Pavões misteriosos – A explosão da música pop no Brasil (1974-1983)**. Paraty: Editora do Autor, 2023.
- BARROSO, Antonio Vinícius Lomeu Teixeira. “Um Nietzsche à brasileira: intelectuais receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940)”. **Revista de Teoria da História**. Goiânia, jul/2013, Ano 5, Número 9, p.178-196.
- BURNS, Mila. **Nasci para sonhar e cantar – Dona Ivone Lara: a mulher no samba**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de uma revolução musical**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Editora Todavia: São Paulo, 2023, p. 183 - 208.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- CAVALCANTI, Ana Hartmann. Futebol como teatro trágico. **Prometeus Filosofia**. Aracaju, Ano 9, n. 20, julho-dezembro, 2016, p. 85 – 109.
- CAVALCANTI, Anna Hartmann. **Símbolo e Alegoria – A gênese da concepção de linguagem em Nietzsche**. São Paulo: Annablume, 2005.
- CUSSET, François. **Filosofia francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & Cia**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DIAS, Allister Teixeira; RIBEIRO, Daniele Correa; MACIEL, Laurina Rosa; MATIAS, Cátia Maria. Os arquivos do Hospital Nacional dos Alienados. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 92-111, jan./abr. 2019 – p. 93.
- DIAS, Geraldo Pereira. **A Recepção de Nietzsche no Brasil: Renovação e Conservadorismo**. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.
- DIAS, Paula Barros. **Arte, Loucura E Ciência No Brasil: As Origens Do Museu De Imagens Do Inconsciente**. Dissertação de mestrado (Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz). Rio de Janeiro, 2003.
- DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DUNN, Christopher. **Brutalidade jardim: A Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira**. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- ERIBON, Didier. **Michel Foucault: 1926 - 1984**. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FAVARETTO, Celso. **Tropicália: Alegoria, alegoria**. São Paulo: Ateliê editorial, 2021.
- FILGUEIRA, André Luiz. O Quilombismo Na Canção: Um Diálogo Com As Textualidades Intelectual De Abdias Nascimento E Lírica De Dona Ivone Lara. **Mosaico**. v. 13, p. 104-115, 2020. e-ISSN 1983-7801104. DOI 10.18224/mos.v13i1.7868.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade (1): a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault e Gilles Deleuze querem devolver a Nietzsche sua verdadeira cara. In: MOTTA, Manoel Barros da. **Ditos & Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 31-35.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. Trad. Roberto Machado. In: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 15-38.

FOUCAULT, Michel. Retornar à História. In: MOTTA, Manoel Barros da. **Ditos & Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Trad. Eilsa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 296-310.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos (Obras completas volume 4: 1900)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GALEANO, Eduardo. **Espelhos: uma história quase universal**. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

GIL, Gilberto; ZAPPA, Regina. **Gilberto bem perto**. São Paulo: HarperCollins, 2013.

GULLAR, Ferreira. **Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

HERBERT NETO, Helcio. “A gente ainda nem começou”: Crepúsculo dos Ídolos, Krig- Ha, Bandolo! e o prenúncio de uma nova filosofia. In: VI Jornada de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2021, p. 1-16.

HERBERT NETO, Helcio. Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v.42, n.3, setembro/dezembro, 2021, p. 69-88.

HERBERT NETO, Helcio. Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, Genealogia e História. **Revista Aproximação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 19-36, 2019.

HOLLINGDALE, R.J.. **Nietzsche: uma biografia**. Trad. Maria Luisa de Abreu Lima Paz. São Paulo: Edipro, 2015.

HORTA, Bernardo Carneiro. **Nise – arqueóloga dos mares**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2008.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Nietzsche e o Círculo Vicioso**. Trad. Hortência Lancastre. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

LEBRUN, Gerard. “Quem era Dioniso?”. In: LEBRUN, Gerard. **A filosofia e sua história**. MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de; CACCIOLA, Maria Lúcia M. O; KAWANO, Marta (org.). São Paulo: Cosac Naif, 2006, p. 355-378.

LEITE JÚNIOR, Jaime Daniel; FARIAS, Magno Nunes; MARTINS, Sofia. Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 29, e2171, 2021.

- LEMOS, Fabiano. Höderlin no arquivo da modernidade: Foucault e o Romantismo alemão. In: LEMOS, Fabiano. **O contracânone romântico: estudos sobre uma (certa) filosofia do Romantismo alemão**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022, p. 221-254.
- LEMOS, Fabiano. Nietzsche Coprófago. **Argumentos**. Ano 11, n. 21 - Fortaleza, jan./jun. 2019, p. 37-57.
- LEMOS, Fabiano. Novalis: filosofia e poética da medicina. In: LEMOS, Fabiano. **O contracânone romântico: estudos sobre uma (certa) filosofia do Romantismo alemão**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022, p. 101-128.
- LEMOS, Fabiano. **O Ofício da Origem: uma leitura de Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino de Nietzsche**. Curitiba: Kotter Editorial, 2016.
- LEMOS, Fabiano. **Soldados e Centauros**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- MACHADO, Roberto. **Impressões de Michel Foucault**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.
- MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico – De Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia nietzscheana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- MARANHÃO, Tiago. “Apolíneos e Dionisíacos” – O papel do futebol brasileiro no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”. **Análise Social**. Lisboa, 2006, vol. XLI (179), p. 435-450.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- MOREIRA, Rodrigo. **Eu quero é botar meu bloco na rua!: A biografia de Sérgio Sampaio**. Niterói: Editora Muiraquitã, 2017.
- MOREIRA, Sonia Virgínia; SAROLDI, Luiz Carlos. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo – Como Alguém se Torna o que é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Caso Wagner e Nietzsche contra Wagner**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Crepúsculo dos Ídolos – ou como se filosofa com o martelo**. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- NÓBILE, Lucas. **Dona Ivone Lara: a primeira-dama do samba**. Rio de Janeiro: Editora Sonora, 2021.
- OLIVEIRA, Leonardo Davino; SILVA, Maria Verônica da. Moderna matriarca: Dona Ivone Lara. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v.35, n. Esp., p 94-117, abr 2024.
- PIRES, Paulo Roberto. À margem da margem da margem. In: TORQUATO NETO. **Torquatália. Volume 1 {Do lado de Dentro}**. PIRES, Paulo Roberto (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004, p.11-30.
- RIBEIRO, Daniele Corra. O acesso ao Hospício de Pedro II e as relações e o dentro e o fora da instituição. In: VENÂNCIO, Ana Teresa A.; DIAS, Allister Teixeira (org.). **O hospício da praia vermelha: do Império à República (Rio de Janeiro, 1852-1944)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016a, p. 163, 186.

Ribeiro, Daniele Correa. **Os sentidos do Hospício de Pedro II: dinâmicas sociais na constituição da psiquiatria brasileira (1842-1889)**. Tese de Doutorado (História das Ciências). Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2016b.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à Era da TV**. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche: biografia de uma tragédia**. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2019.

SANTOS, Katia. **Ivone Lara: a dona da melodia**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

SCHEFFER, Graziela. Serviço Social e Dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 127, p. 476-495, set./dez. 2016.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVEIRA, Nise. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1995.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

SILVEIRA, Nise. **O Mundo das Imagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2024.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças: Uma filosofia popular brasileira**. Bazar do Tempo: Rio de Janeiro, 2020.

TORQUATO NETO. Cadernos. In: TORQUATO NETO. **Torquatália. Volume 1 {Do lado de Dentro}**. PIRES, Paulo Roberto (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004, p. 291-316.

TORQUATO NETO. **Os últimos dias de Paupéria**. DUARTE, Ana Maria S. de Araújo; SALOMÃO, Wally (orgs.). Rio de Janeiro: Max Lemonad, 1982.

VAZ, Toninho. **A biografia de Torquato Neto**. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2013.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Baltazar e Maria Auxiliador Kneipp. Brasília: Editora UNB, 2014.

VEYNE, Paul. **Foucault: Seu pensamento, sua pessoa**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VILLAS-BOAS, Gláucia. A estética da conversão: o ateliê do Engenho de Dentro e a arte concreta carioca (1946-1951). **Tempo Social** 20 (2), Nov. 2008 p. 197-219.

Páginas da internet

SAMPAIO, Sérgio. “Que Loucura” (Canal oficial | YouTube). Disponível em: [<youtu.be/daHR_2Spqc0?si=zH41lMFmaWYCCBCQ>](https://youtu.be/daHR_2Spqc0?si=zH41lMFmaWYCCBCQ). Acesso em 13 de junho de 2024.